

A Cidade de Ytú

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO

ANNO X

REDACTOR
Francellino Cintra

YTU, 14 de Junho de 1903

GERENTE
João Pery de Sampaio

N. 685

NOSSO ANIVERSARIO

“A CIDADE DE YTÚ”

MAIS UM ANNO

Mais um anno de lutas, acaba de vencer *A Cidade de Ytú*, o que importa dizer-se que foram vencidos mais trezentos e sessenta e cinco dias, de um irabalhar insano e cheio de sacrificios, que só sabe ajuizar, quem como nós segue esta afanosa profissão.

E este facto é bastante significativo para nós, e enchendo-nos do mais justo orgulho, porque supportando todos os revezes a que estamos sujeitos, investivas e injustiças de adversarios desleaes, collocamos hoje mais um marco na estrada accidentada e cheia de impecilhos que se acha diante dos nossos passos de noveis jornalistas, mas, a nossa consciencia, nos diz que não foi improficuo de todos os nossos trabalhos, n'esta campanha ingente, porque procuramos nas medidas das nossas forças cumprir com os deveres impostos pela nossa profissão, e com a sinceridade d'essa convicção, com a compenetração de termos cumprido uma obrigação que tomamos sobre nossos hombros, e com a tenacidade da nossa energia, conseguimos conduzir o nosso fragil batel, por sobre as procellosas vagas do mar revolto do pessimismo tarancho dos despeitados, que almejam verem-se sozinhos em campos, para imporem as suas opiniões, as mais das vezes irrisorias e tresloucadas.

E é por isso mesmo que sentimo nos animados, mais animados ainda, para proseguir n'essa difficil jornada, e ir alem... muito alem, vencendo embora sacrificios, mas na esperança e convicção de ir cumprindo um dever, de ir deefnindo uma causa justa e santa.

Que importam os sacrificios e os tropeços, quando o fim a que nos propuzemos é grande e nobre?

Deixemos que os suspeitos grem, esbravejem mesmo ao nosso passar, mas iremos sem desviar da nossa rota, impavidos pelo nosso caminho, tendo sómente diante de nossos passos, o bem estar social, e o engrandecimento d'esta terra, que procuram amesquinhar fazendo acreditar a um meio de egoismos, de ambições e onde a honestidade é apedrejada por filhos desnaturalizados ao serviço impatriotico da politicagem.

Sentimo nos encorajados, e assim, venceremos todos os impecilhos, deixaremos de lado todas as contrariedades e pequeninas disputas, sem interesse algum pratico, e iremos fortes, em busca do nosso ideal; porque fortifica nos a mesma coragem, a mesma abnegação de lutar, lutar até o triumpho do nosso ideal.

E venceremos, porque o nosso ideal é nobre. Soldados, poderemos cair, mas a columna é forte, e o nosso pavilhão será sustentado, pela logica dos factos.

Não buscamos louros, nem glorias, cumprimos apenas o santo dever da nossa missão.

Que importa que o despeito vil e pequenino, nos venha molestar as vezes? Que importa que a deslealdade de adversarios, que fugindo do terreno de uma discussão qualquer, por falta de elementos para reforçar seus argumentos phantasiados, pretendam com um mal alinhavado espirito, chulo no fundo e na essencia ferir-nos pessoalmente? Que importa tudo... tudo isso, si a nossa missão é outra?

A IMPRENSA

FRAGMENTO

Gritai, oh, mocidade, em face do regresso :
—A Imprensa é luz que aclara o Universo,
Aurora sideral a expandir clarão,
A branca liberdade matando a escravidão,

Derrotando a cadeia e carcomendo o muro
Q'oculta o horisonte azuleo do futuro.
E' a luz, é a gloria, é o phanal divino
Que mostra ao pobre e triste, e louco peregrino.

Os mares sem abrolhos por onde deve andar
Sem nunca perecer, sem nunca naufragar !
Nós, somos, mocidade, herdeiros do futuro,

Devemos fazer luz no fosso mais escuro,
Fecundar com ardor o seio da verdade.
Fundindo na senzala o sol da liberdade.

CARLOS DA ROCHA.

Avante, seja o nosso grito. Avante sempre ! Sempre avante.

Hoje pois, que *A Cidade de Ytú* vê florir mais um anniversario, vê completar o seu decimo anno de existencia trabalhosa, seja nos permitido saudar e agradecer a todos quantos material e intellectualmente tem-n'a auxiliado n'este anno ora findo, pedindo-lhes a continuação d'esse concurso, que desde já summamente agradecemos.

A REDACÇÃO.

14 de Junho

O dia de hoje marca mais um anniversario d'*Cidade de Ytú*, orgão do partido republicano, e que tem tido o criterio bastante para, com justiça, occupar um saliente lugar entre os jornaes serios e patrioticos do nosso caro Estado.

A imprensa é uma arte analoga á arte da pintura, da escultura, e da declamação. A imitação do pintor, do escultor e do actor são todavia, dentro de certos limites, mais perfectos que as da imprensa. O marmoreismo que o jornalista emprega compõe unicamente de palavras escriptas: e as palavras não podem, ainda mesmo quando empregada por artistas taes como Ruy Barbosa, Ferreira de Araujo, Americo de Campos, Martins Francisco, Rangel Pestana, Carlos de Laet, etc etc, apresentar á mente imagens dos objectos visiveis tão expressiva e exactamente como os que nos ficam impressos na memoria contemplando as obras debuxadas pelo pincel, ou arrancadas do marmore pelo escopro. Porém, de outro lado, o horisonte da imprensa é infinitamente mais vasto do que qualquer das outras artes, e tambem do que o d'ellas todas reunidas. O escultor só póde imitar a forma: o pintor só a forma e côr: o actor, ainda que a imprensa o auxilie com as palavras escriptas, só a forma, a côr e a acção.

A imprensa possui o mundo exterior com as outras artes; mas o coração do homem pertence-lhe, e pertence-lhe exclusivamente. O pintor, o escultor e o actor não lhes é licito representar das paixões e caracter do homem, senão aquella pequena parte que se manifesta no gesto e no semblante, indicio sempre imperfeito, quando não é enganoso, do que se passa dentro d'elle. Os predicados mais profundos e mais complexos da

organisação humana sómente podem revelar-se por meios de palavras. Por isso os objectos que a imprensa imita são tudo quanto pertence ao universo externo e interno, a ordem da natureza, as vicissitudes da fortuna, o que o homem é em si mesmo, o que o homem é no seio da sociedade, todas as cousas que realmente existem, e todas as cousas das quaes podemos reproduzir a imagem no nosso espirito, combinando juntamente partes de cousas que realmente existem. O dominio d'esta arte, sublime e ao mesmo tempo espinhosa, está na proporção com as faculdades da nossa imaginação.

Sublime e ao mesmo tempo espinhosa, disse eu, porque é preciso que ella se compenetre da sua importante e melindrosa missão; é preciso que se torne forte, mas baseada na justiça e na imparcialidade, para não cahirem n'um abatido estado de degradação, de fraqueza, que a póde facilmente levar á um profundo aviltamento.

«A Cidade de Ytú», que tem perfeita mente sabido se conduzir por essa longa e escabrosa vereda do jornalismo brasileiro, deve encher-se de justo orgulho, ao completar hoje mais um anno de util existencia, porque o publico, pelo menos a parte sensata, não lhe tem resgatado francos applausos.

Tambem eu, o mais humilde dos seus illustrados collaboradores, não quer deixar passar em silencio tão auspiciosa data, enviando sinceras felicitações aos sympathicos Francellino e Pery, seus principaes motores, pelo dia festivo de 14 de Junho.

Salve !

São Paulo.

TERRAS.

A Cidade de Ytú

A imprensa é a santa e immensa locomotiva do progresso, que leva a humanidade para a terra de Chanaan, a terra futura onde não haverá em torno de nós senão irmãos, e por cima de nós, o céu.

Victor Hugo.

Hoje, para Ytú, é uma data assaz significativa. Para os maldizentes, despeitados e anti-progressistas, ella nada vale, mas, para os obreiros do futuro, o

dia 14 de Junho será sempre um grande marco da civilisação.

Completa o primeiro decenio, um jornal. Para aquelles que vivem mergulhados no obscurantismo, dez annos de lucta e imprensa nada é, mas, para os gladiadores dessa arena, esses dez annos, é tempo mais que sufficiente para um abatimento doloroso.

Quantas e quantas vezes, não sentimos o coração vencido pelo desanimo, na estrada da terra prometida, enquanto a sociedade nos abandona, indo encharcar-se no fosso da immoralidade.

A Cidade de Ytú, é uma baliza do futuro, e merece os louros da victoria, os alentos de todos, que almejam o progresso da terra de Feijó, e um grito de entusiasmo dos combatentes que guiam a humanidade para a Chanaan onde tremulará a bandeira da fraternidade.

A imprensa será glorificada, quando as paixões mesquinhas, forem aniquiladas.

Ainda é cedo. Cumpramos o nosso dever, que a hydra que nos ameaça ha de ser dominada. A sociedade então, conhecendo o abatimento a que chegou, virá em nosso auxilio, para o levantamento da grande obra do progresso, do baluarte das posteridades.

Ahi, será a occasião asada para a deslumbrante apothose á imprensa.

Enquanto porem, esperamos o surgir desse magno dia, continuemos a lucta, demandemos a terra da promessa, embora sejamos vencidos, as gerações futuras, seguirão os nossos passos.

A vós *Cidade de Ytú*, compete em grande escala, o levantamento da obra Civilisadora, que aniquilará por completo a horda de despeitados e a caterva de anti-progressistas.

Avante, pois !

14-6-903.

J. B. FIGUEIREDO.

Uma carta

Minha bôa e estimada

«Cidade de Ytú»

Estou devoras n'um encitamento nervoso de difficil explicação: alegria? esperança? não sei! tanto mais quanto trata-se de teu anniversario e, julgo incorrerei em pesada condemnação, si, na flôr que hoje colhes, deixar-me nesse deliquio morbido que traz aos fracos, desalento, olvido e desanimo.

Faço fortes da minha reconhecida fraqueza espiritual e recorro á tua therapeutica; no pensamento bebo do teu nectar, bebi, e ora me sinto mais animoso para num traçar singelo dizer-te cara amiga: Estou em abundante alegria; sinto partir-se-me o élo vital no endossamento que faço, concatenando multiplos bemfazeres, luzes e acalentos que tens dispensado ao povo que t'escuta e t'agradece.

Vae-me n'alma um não sei que d'esperança, illusões fagueiras, aclaramentos, só em pensar o teres sido e o que serás ainda para nossa bôa terra.

Foste e trazes grande tradição; no passado tiveste amigos, no presente és rodeada de adoradores e no futuro serás a melhor guia dos nossos passos tropeços. Compreendes o embaraço que se me tolhe, á semelhança d'um polvo, quando ousa palpitar n'uma expansão e, caridosa, perdoar-me has a obscuridade do que venho de dizer e te direi.

Compreenderás melhor ainda, discipulo novo, não possuo luzeiros e o brotar d'esta alma nova não conduz á emoções, não faz ruidos.

Abraças-te me; no teu collo tenho vivido, no teu coração hei palpitado; se assim não fóra, como fazer unir as frouxas cordas de minha rude lyra, para fazer acompanhamento aos entoadores de hymnos em regosijo do teu anniversario; a agua que bebi da tua bilha, hoje, é a luz que me aclara, é o archote que me patenteia a senda facil e de mais accesso para o termo desta laboriosa jornada; por tudo, beneficios espirituas e aprendimentos, acho-me no rol de humilde devedor; num arranço de filho amoroso chego a dizer-te: *crê, labuta e vencerás.*

Seremos teus soldados fracos para na união te tornarmos forte.

Teus inimigos rolaram ante a dura e verdadeira manifestação de teus mananciaes: —verdade—justiça—patria.

Acredita sincera amiga e não tenhas squer, um momento de desalento; ao teu lado,—a Mocidade, no teu coração,—o Brasil.

Faz-te velha e já vemos nos horizontes, louros para tua molle pensadora nos inicios desse alvejamento respeitavel; a tua velhice é para teus adoradores o melhor symphoma de vida, e quanto mais se prolongarem teus dias, mais creremos na tua mocidade de bons e sanctos principios. Vive, vive para o Povo, vive para a Patria, vive para o Brasil.

Sincera e amada te has de conservar, para tal fim, rogamos ao Maximo Rei para tua conservação.

Sinto-me mais forte depois desta ardua tarefa; só o trazer-te para o pensamento foi-me força e animo.

E' devéras sublime sentir teu coração em nossos corações; não vês a mocidade engalnar-se, e num sorrir unisono aguardar-te para na tua frente beijarem? Bôa amiga, estou satisfeittissimo; o contentamento chegou a apoderar-se já de todo o meu eu e é tal, tão grande esse estado que corro a abraçar te.

Ytú, 14—6—03.

HOMENFLEDIS.

14 de Junho

Deixa hoje o seu glorioso e triumphante decimo anniversario de vida pelo seu sempre continuo batalhar pelo progresso real e verdadeiro da nossa abençoada terra ytúana, e, com a coragem de quem nada teme, enceta o seu undecimo anno de tirocinio jornalístico a sempre sympatica e popular sentinella dos interesses ytúanos, que garbosamente apresenta-se ao publico com o titulo respeitavel de *A Cidade de Ytú*.

Sim, é *A Cidade de Ytú*, esse paladino constante do bem estar do lugar em que é publicada, que compenetrando-se da alta e nobre missão do jornalismo, sempre teve alvorado em seu programma o pavilhão da independencia, da lealdade, e especialmente da sinceridade.

Jamais deixarei de pugnar por tudo o que é bom e de resultados beneficos para o bem-estar geral da população, da qual é honroso representante e jeunivo interprete.

A sua linguagem nunca ultrapassou os limites da bôa educação e da polidez, e em todas as casas de familia sempre teve entrada, porque a dignidade e o pudôr que a revestem a tornam merecedora da consideração e estima de todas as classes civilizadas da sociedade.

Em materia politica tem sido ella até hoje cumpridora fiel do seu programma combatendo com denodo e patriotismo a causa republicana, que é a causa que abraçou como a legitima idéa que predomina nos corações brasileiros.

As suas columnas sempre foram honradas por pennas criteriosas e habilitadas, concorrendo todas para o ennobrecimento da elevada classe jornalística.

Respeitou, como continuará a respeitar, todas as crenças religiosas, por isso que, sendo um organ independente a sua balisa é o acatamento á todos os pronunciamentos das consciencias livres.

E', pois, com grande jubilo que *A Cidade de Ytú* na data de hoje cobre se de galas, adicionando no seu album de ouro mais um trophéo conquistado na lucta pela ordem e pelo progresso do grande herço republicano, a heroica e magnanima cidade ytúana.

E, nós, seus assíduos e apreciadores leitores juntamos ao seu dia festivo de hoje uma parcella da nossa satisfação íntima e os votos sinceros que para si almejamos e resumem-se no seguinte:

—vida sempre pujante na senda do jornalismo, e victorias sobre victorias pelo progresso da querida terra que lhe deu o nome: —a hospitaleira e gloriosa Ytú.

Salto, 14 de Junho de 1903.

PEDRO A. KIEHL.

—(())—

PROSA FIADA

O marinho ama a chalupa, em que pela primeira vez afrontou as iras do oceano e recebeu o baptismo sagrado da muragem; gosta as vezes, de deixar o transatlantico em que navega, ou a cabana em que vive a beira mar e ir visitar e alli, encostado ao grande mastro, em conversa íntima e franca, com seus antigos companheiros, recorda-se do bom tempo em que, juntos, engravam a vastidão dos mares, cortando a em todos sentidos, contantes em Deus e na resistencia da embarcação, ou então, debruçado no convés, lembra-se, entre longas cachimbadas, do tempo de sua mocidade, as longas viagens que fizera, as terras por onde andara, as aventuras que nellas tivera; alli, naquella pequena chalupa, vai elle buscar força para o trabalho e coragem para a lucta; a sua pericia, o seu nome de marinho ousado e pratico, á ella deve, foi ella a sua mestre. Assim tambem nós jamais nos esquecemos do jornal, em que pela vez primeira, sahimos, cheios de esperanças, todo riso e flores, pelo grande e revoltoso mar da imprensa; e, por mais distante que delle nos achemos, por maior que seja o nosso trabalho, sempre nos lembramos delle, e quando ouvimos pronunciar o nome delle, enche-nos a alma de uma saudade, tão doce e suave, e se nos enche o coração de justa alegria, tambem de vez emquando gostamos de revêr a chalupa de nossa primeira viagem, palestra com os antigos camaradas.

Jamais nos esquecemos do jornal que primeiro reproduziu nossas idéas; si somos felizes, em parte parece nos que lhe devemos essa felicidade; si somos grande, devemos-lhe em parte essa grandeza; si somos litteratos, si nos avanta-jamos nas letras, si o que escrevemos é lido e apreciado, então guardamos o nosso primeiro trabalho, com mais cuidado que o usurario guarda o ouro, com mais amor que o crente guarda um bocado de reliquia.

Foi a *A Cidade* o primeiro jornal em que pela vez primeira sahi pelos mares da imprensa. Era então bem creança; foi uma simples e singella produção, filha de uma imaginação ainda não formada. *O entardecer na roça*, eis a primeira tela que pinteí, frica nos traços, frouxa no colorido, simples na forma; pequeno quadro em que tubeante pinteí o vaqueiro tangendo o gado á mangueira, o soluçar da jurity ao fugir do dia e cantar do sabá junto ao ninho. Mais uns pobres contos, singellas chronicas, prosas fiadas foram as viagens por mim feitas nessa embarcação. Retirei-me depois para a Capital, lá forçado pela impertinente lucta pela vida, entrei de novo para a imprensa; mas, já não era um simples velleiro, o navio em que ia trabalhar; porém, nem os deveres contrahidos, nem as correspondencias que me obriguet mandar a diversos jornaes do interior, me fazião esquecer da querida *Cidade* e lá uma vez ou outra, enviava-lhe um adeus, em duas ou tres tiras de papel.

De volta para cá, fui de novo seu marinho, fui fascinado pela politica; moço ainda, cheio de vida e esperança, apaixonou-me della e entrei na lucta; foi-me confiada a direcção da chalupa; fiz, não sei se bem ou mal, uma viagem de defeza, pelo encapellado mar da politica, então quasi desconhecido para mim, que só tinha viajado pelos mares das letras e das artes.

Retirado a cabana de beira-mar, não mais sentia-me com coragem para afrontar as iras do oceano, quando hontem, pela tarde, o novo piloto que hoje a timonea, vem dizer-me que é anniversario da *Cidade* e que não esquecesse de ir dar-lhe os meus parabens.

Não me esqueço; como esquecer mel *Cidade* forte embarcação que singras o encapellado mar da impransa, como folgô em ver-te, outra vez com o teu antigo esplendor! a ti, que levas em teu bordo valorosos defensores da Justiça e do Direito; a ti, em cujo mastro fluctua o pavilhão da Liberdade, a ti que fazes a defeza da Verdade, os

ventos sejam propicios; e se grande fór a refrega, conti em tuas velas na pericia de teu piloto, na coragem de teus marujos e terás certa a victoria. A verdade jamais se offusca e tu és a representante della. Avante.

NINO FILHO.

PALAVRAS

Convidaram-me que escrevesse para o anniversario d'esta folha. Não me indicaram o thema, fallaram-me simplesmente em tirar de papel, e mandaram-me que escrevesse e mandasse a redacção para imprimil-as. Disseram-me isto, uns dias atraz, quando eu gosando a tranquillidade de minha vida burgueza, assistia um espectáculo de *capullinhos*.

Sentado no primeiro degrau das archibancadas, saboreava com a alma d'um simples as truanices que um palhaço dizia, trazendo a todo instante o circo em hilaridade. Vestido de dominó mascarado de vermelho e preto, com o rosto mascarado por uma tinta branca, notando-se o sombreado do bigode que fazia realçar o vermelho vivo dos labios pintados; chapéo pequeno inclinado na cabeça que denunciava a carapinha de negro, um humem melio, sobraçando um violão, olhos muito abertos e leve sorriso na bocca, dizia uma cantiga popular. Era o palhaço da companhia improvisava versos, que n'um meneio exagerado de gaitice, proferia.

E todo o circo repleto de espectadores recebia alegremente, ruidosamente, o que elle dizia. Era agradável de se ver, essa onda de cabeças, n'um movimento continuado, como que scintillante, de extremo a extremo, palpitando de vida, explodindo n'uma alegria sincera, onde uns rostinhos esbeltos surgiam á confundir-se com o todo e onde o vento da felicidade parecia tocar em cheio. Todos riam-se; alguns ás gargalhadas, outros de manso e poucos com um leve sorriso. Como era sincera toda aquella burguezia, como eu me sentia feliz no meio d'essa simplicidade e ria metambem fazendo côro com o publico, já que eu era um atomo d'elle. Sómente ao meu lado, pensativo e nervoso, como que isolado n'esse mar de vidas, dizia-me o companheiro: "escreve algumas tiras e mande-as a redacção para imprimil-as". E o palhaço no meio do circo continuava a improvisar versos, filhos de sua imaginação, sem metro, na sua linguagem obscura de ignorante... Se eu pudesse tambem improvisar tiras, mais de duas, escrever mesmo algo de valor; se eu pudesse dizer tudo que se não têm dito e escrever tudo que se não têm escripto, com que prazer, meu amigo, eu encheria tiras, mas muitas e as enviaria a redacção para imprimil-as. Escrever tiras de papel! Será melhor deixal-as em branco, assim a sua brancura não irá repetir mais uma vez o que já se disse e se dirá e, talvez, com muito mais engenho que se eu viesse dizel-o. Escrever, sobre o que? Fallar da Imprensa, dizer que ella é nobre, baluarte da civilização, sentinella avançada do progresso, órgão da justiça, do direito, etc, etc por que tudo isso, se ella pode ser mais que isso? Glorificar a imprensa de Gutenberg ou chorar sobre suas cinzas, já tão velhas as lagrimas que as flores guardam em seus seios! Deixemos o passado que guarda. Escrever sobre a sociedade, sobre a crise! Se a sociedade é uma continuada crise e a crise uma sociedade de especuladores! Philosopher, poetar! Mas tudo isso é muito velho e não inlembra o papel que empregamos e todo o emp) que andamos a procurar phrases e construir periplos! Dissertar sobre a politica, crear idéas, arvorar bandeiras de novas theorias, enfim escrever tiras, n'uma louca dispersão de conhecimentos, para depois deital-as na ingloria folha de um jornal!

Repetir com uma nova floração de palavras tudo o que já se disse! Levantar horas inteiras a m ditár, a collocar observações e a observar collecções de todas as miserias que nos cercam e de todas as felicidades que nos alegram, para depois vir-se a dizer banalidades! Para que tudo isso... É uma tristeza indefinivel vinha envolvendo-me a alma e esses pensamentos vinham me bruscamente, n'um nervoso atropellamento de idéas, tornando-me inquieto, como se a sombra d'um remorso em visão me apparecesse

E a burguezia alegre e sincera deleitava-se, sorridente, enchendo o circo com sua hilaridade. Estava a findar-se o espectáculo. Já não era mais o palhaço que se exhibia, esse, enquanto eu divagava, fóra seguido d'uma artista, uma mocinha franzina, loirita e risonha, que fazia «sortes» n'um grande tapete estendido no circo.

Essa tambem recolhera-se, sendo obrigada a mostrar-se novamente, porque assim exigiam os espectadores n'uma grita prolongada. Agora com um sainete qualquer, chamado «pantomima» punha-se termo a «função». Um mixto de comedia, tragedia e palhaçada trazia-se á scena, praticando-se em pleno publico o assassinio da sublime Arte. Melpómene e Thalia, serenas musas da tragedia e da comedia, eram escarnecidas. Cena de familia, uma noite moral parecia ser.

"Um velho pae fazia uma viagem e deixava a filha á guarda d'um irmão. Um tanto-papel saliente. Essa filha enamora-se d'um alfaiate visinho. A moça tem a voz fahosa e o alfaiate uma pronuncia siciosa. Combinam uma entrevista. O irmão bobo encontra-os conversando na propria casa, corre a procura do velho, na carreira tropeça, cae, põe-se a tremer faz mil truanices... "E o publico ria-se de tudo isso, satisfeito, contente. Sómente ao meu lado, inquieto e pensativo, dizia-me novamente o companheiro: «Escreve algumas tiras e mande-as a redacção para imprimil-as.»

Então puz-me a rir tambem, contente, satisfeito, não sei de que, talvez do estado impasiente do meu companheiro, que assistira um espectáculo de tiras para serem escriptas, tiras que dissessem muito.

E no meu intimo eu preferia sempre assistir um divertimento de circo, que escrever tiras, ao menos n'aquelle deixamos transparecer nossa sinceridade e nestes n'unca dizemos algo de sincero.

Por isso, não as escrevo, mando-as em branco a redacção, assim a sua brancura, dirá a todos que eu nada disse quando eu creio que disse tudo.

JONATHAS DURVAL.

Sejamos justos

A questão do mosteiro de S. Bento, no Rio, levantou, como era de esperar, grande celeuma, trazendo, por muitos dias, agitadissimo o espirito publico, que se viu desahortado como um barco que redemoiava mercê das aguas e de ventos encontrados.

Azo tiveram os desahortados e inimigos do clero regular para mais uma vez lhe fazerem um ataque violento, repetindo ou reeditando as invectivas, os improperios e as chufas de sempre.

Nada diremos no tocante á perlonga julicaria. Ella está submettida á deliberação dos tribunaes, que têm de tirar dessa trama (ou melhor, dessa *rudis indigestaque moles*) de leis sobre corporações da mão-morta as regras que nella devem existir para o caso.

Si nossa legislação a respeito é confusa, omissa, imprestavel, esclareça-a, regule a ou refaça-a o poder publico.

É natural que essa questão, em que para uns se debatem altos interesses religiosos e sociaes e para outros apenas interesses pecuniarios, impressionasse mais ou menos fortemente quantos a acompanharam.

Todos os excessos, porém, devem ser condemnados.

E' máu vezo ou rematada leviandade pretender-se decidir grandes questões sociaes, resolver intrucados problemas, julgar instituições seculares, sem que para isso, previamente, se estude e depois do estadar, se medite muito e muito. Entre o café e o charuto, entre dois dedos de prosa safada e um *chopp*, quanta vez não se vê um sujeito qualquer (dando uma palmadiuha na testa, para insinuar aos circumspectos maravilhosos que *alli* ha Genio), a revelar... a descoberta, que acaba de fazer, do *motu-continuo* ou da *pedra philosophal*, ou a resolver, peremptoriamente, dos destinos da humanidade? E ai dos que recalcitrem, pois que esses se convencerão afinal ante o argumento infallivel, o *argumentum baculinum*, que é poderoso, realmente esmagador...

São uns pobres diabos que audam a ostentar fraugalhos de umas sciencias que estudaram pela rama a emittir umas idéas que apauharão no ar.

OFFICINA TYPOGRAPHICA D' "A CIDADE DE YTU"

Rua da Palma, num. 56

N' esta officina apromptam-se :

CARTÕES DE VISITA :—Branços, de luto e phantasia, idem commerciaes etc.

Avulsos, Programmas,

Facturas commerciaes de um e dous lados,

Talões para recibos,

CONVITES DE CASAMENTO,

Rotulos para vinhos e demais bebidas,

ETIQUETAS PARA CIGARROS,

CONVITES PARA CATERROS,

BILHETES, BOLETINS, ETC:

E outros trabalhos concernentes a mesma arte,
TUDO POR PREÇOS REZUMIDOS,

A Viúheira

RUA DA PALMA, N. 56

YTU'

GRANDE LIQUIDAÇÃO

AOS MEUS AMIGOS, FREGUEZES E AO PUBLICO EM GERAL.

Tencionando liquidar a minha casa Commercial até o fim do corrente anno, resolvi á fazer extraordinaria reduccão nos preços de todos os artigos constantes do meu negocio, vendendo tudo pelo custo real e muitos d'elles com perda de 10%.

Em vista disso, venho por este meio convidar aos meus Amigos, Freguezes e ao Publico em geral á fazerem uma visita ao meu negocio, onde poderão fazer magnificas compras em optimas condições.

E' assim que chamo a attenção das Exmas. Familias, para o variado e completo sortimento de artigos finos como sejam:—Brinquedos para creanças, enfeites de salas, objectos á phantasia, chicharas finissimas de porcellana, calices e copos

de crystal, apparatus para lavatorios e todos os objectos pertencentes ao ramo "LOUÇA" etc. Outrosim communico que apparecendo comprador para todo o negocio vendo-o em condições vantajosas. Assim pois, contando com a confiança e preferencia que tem me sempre dispensado a minha boa Freguezia e o Publico em geral espero ser honrado com mais uma visita ao meu estabelecimento Commercial, o que antecipadamente agradeço. Para melhor certificarem-se da pura verdade que ora affirmo offereço abaixo; á apreciação do Publico, uma lista de muitos artigos com os respectivos e phenomenaes preços.

A BANHEIRO

PREÇOS CORRENTES

Vinho Adriano	garrafa	2\$700	Colheres para chá e café	»	2\$500—6\$000
» do Porto «Comp. Vinicola», diversas marcas	»	2\$500	Lampeões Belgas para centro	um	18\$000
» » » Reserva 1870	»	2\$000	Lampeões com abat-jour porcellana para mesa	»	10\$000—18\$000
» para peixe	»	4\$000	Lampeões para paredes	»	2\$000—4\$000
» Lormont	»	2\$000	Orinões de agathe	»	3\$000—8\$500
» Malaga	»	1\$200	Manteiga Italiana em 1/4 kilo	kilo	3\$800
Cognac Jules Robin	»	5\$000	Manteiga Nacional	»	2\$500—4\$000
» Bisquit	»	5\$000	Manteiga Demagni	»	5\$000
» fino Champagne	»	5\$000	Sardinha F. Canaud	lata	1\$500—2\$000
» Moscatel	»	4\$000	Sardinha Brandão Gomes sem espinho	»	1\$000
Licor Francez Marie Brisard	»	9\$000	Sardinha Oleo e tomate	»	\$320
Vermouth Francez	»	3\$500	Azeitonas	»	\$800
Oldton Gin	»	3\$500	Chá preto e verde	»	2\$500
Cerveja Antartica sem/garrafa	»	1\$000	Biscoutos Inglezes	»	3\$500
» União e Alliança sem/garrafa	»	\$800	Camarões	»	1\$800
Agua de Caxambú	»	\$700	Perdiz e lombo	»	2\$000
Garrafões vasilos	um	\$800	Massa de tomate	»	\$500
Apparelhos para lavatorio esmaltados, de cores	25\$000—30\$000		Farinha Nestle	»	2\$000
» » » louça de cores	17\$000—30\$000		Banha Flór 2 kilos	»	2\$500
» » » porcellana, finos, de cores	100\$000		Velas Brasileira	maço	4\$400
» » » chá e café, (granito de cores)	36\$000		Velas Apollo	»	\$900
Chicharas de porcellana, finas (chá e café)	duzia	10\$000—16\$000	Velas Nacional do Rio	»	\$700
» de granito côres e brancas (chá e café)	»	4\$000—9\$000	Maizena	pacote	300—\$600
Pratos de » côres	»	12\$000	Caldeirões, Cassarolas e chaleiras	kilo	1\$800
» de » » para doces	»	8\$000	Enxadas marca "Mão" 2, 2/1, 3 Libras	uma	2\$000—2\$300
» de » braucos	»	5\$500	Machados "Collins"	um	4\$000
» de » » para doces	»	4\$500	Machadinha	uma	3\$000
Copos de crystal finos	»	12\$000—15\$000	Pregos	maço	4\$000
« inquebraveis	»	12\$000	Cimento	barrica	14\$000—16\$000
» de vidros	»	5\$000—8\$000	Alvaiade n. 1	»	25\$000
Calices de crystal finos	»	7\$000—10\$000	Arame felpado 402 metros	Rolo	21\$000
» de » vidros	»	5\$000—6\$000	Arame felpado pequenos	»	12\$500
Talheres Americanos superior	»	10\$000—12\$000	Arame liso galvanizado	kilo	\$800
» Regulares	»	5\$000	Peneiras de arame para café, fubá, feijão	uma	2\$000
Facas Russel	«	15\$000	Varvolinas	caixa	18\$000
Facas Potosi	»	24\$000	Kerozene Palace	»	15\$000
Colheres de metal para sopa	«	5\$000—15\$000			

Alem dos artigos supras mencionados, tenho ainda grande quantidade de mercadorias, como sejam; armamentos de todas qualidades, generos grossos e muitos outros que seria longo ennumerar, os quaes soffreram enorme abatimentos como os demais referidos

RUA DO COMMERCIO

ESQUINA DO LARGO DO CARMO

Joaquim Dias Galvão.

YTU'